

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, Brasil: devoção popular e memória cultural

The feast of Our Lady of the Navigators of São José do Norte, Brazil: popular devotion and cultural memory

Enviado em: 23/12/2019

Aceito em: 06/01/2020

Alessandra Buriol Farinha¹

Fábio Vergara Cerqueira²

Resumo:

A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brasil, ocorre desde o ano de 1811. É uma tradição luso-brasileira herdada de açorianos que ocuparam o território em meados do século XVIII. O objetivo principal deste artigo é destacar alguns elementos da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, considerando, além dos aspectos históricos, a memória viva, importante referência que reforça identidades sociais, utilizando principalmente os conceitos de “memória cultural” e “memória comunicativa”, conforme a teoria de J. Assmann (2006). Pode-se afirmar que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, por seus aspectos relacionados ao lugar, tais como as técnicas de trabalho ligadas a atividades primárias, como agricultura e pesca, proporcionam uma “intimidade” com os elementos naturais, além de um sentimento de súplica e gratidão pela fecundidade do solo e das águas, passíveis de compreensão por meio da Teoria da Dádiva, de Marcel Mauss.

Palavras-chave: Festa de Navegantes. Memória Cultural. Devoção Popular.

Abstract:

The Our Lady of the Navigator's Feast of São José do Norte, Rio Grande do Sul, Brazil, occurs since the year 1811. It is a Luso-Brazilian tradition inherited from Azoreans who occupied the territory in the middle of the eighteenth century. The main objective of this article is to highlight some elements of the Our Lady of the Navigator's Feast, considering historical aspects and living memory, an important reference that reinforces social identities, using, mainly, Assmann's (2006) theory of “cultural

¹ Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Tecnologia em Gestão de Turismo da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, campus Jaguarão. E-mail: alefarinha@yahoo.com.br

² Professor Titular de História Antiga do Departamento de História e Antropologia, do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Programa de Pós-Graduação em História – Instituto de Ciências Humanas – UFPEL. E-mail: fabiovergara@uol.com.br

memory” and “communicative memory”. It can be affirmed that the feast of Our Lady of the Navigators of São José do Norte, due to its aspects related to the place, such as the work techniques related to primary activities, agriculture and fishing, provide an "intimacy" with the natural elements, and a feeling of supplication and gratitude for the fecundity of soil and water, as in the theory of the gift from Marcel Mauss.

Keywords: Navigator’s Feast. Cultural Memory. Popular Devotion.

Considerações iniciais

O município de São José do Norte, fundado em 1831, encontra-se a cerca de 370 quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Seu território faz parte de uma península situada entre o Oceano Atlântico e a Lagoa dos Patos (Figura 01). O município mais próximo de São José do Norte é Rio Grande³, primeira cidade do estado (povoamento fundado em 1737), situada margem oposta da Lagoa do Patos. São José do Norte é atualmente um “satélite” de Rio Grande. Quando houve a invasão espanhola a Rio Grande, em 1763, a cidade acolheu os refugiados, além de ter sido local estratégico para ocupação territorial e batalhas, por ter dunas de areia, consideradas trincheiras naturais. Sua identidade histórica está referenciada em Rio Grande: “do Norte”, segundo alguns, em razão de estar a Norte de Rio Grande, e é como “nortenses” que os habitantes da cidade são conhecidos. E, como veremos, essa relação umbilical entre as duas cidades se faz presente, de forma visceral, na Festa de São José do Norte.

³ Mesmo com a proximidade e características semelhantes, há um contraste nas características socioeconômicas atuais entre os dois municípios. Rio Grande tem PIB per capita de R\$ 36.816, sendo 10º PIB do estado, com valor total de R\$ 7.681.467,38 (IBGE, 2016), e população estimada de 211.005 habitantes (IBGE, 2019), enquanto São José do Norte tem PIB per capita de R\$14.288 (IBGE, 2016), sendo 143º PIB do estado, com valor total de R\$ 387.159,25 e população estimada de 27.568 habitantes (IBGE, 2019).

Figura 1: Mapa do Rio Grande do Sul localizando São José do Norte.



Fonte: Abreu, 2006.

A ocupação inicial do território que originou o município foi feita por remanescentes indígenas aldeados e descendentes de africanos, ao que se somaram tropeiros, oriundos da Ilha da Madeira, alguns refugiados de Colônia do Sacramento, portugueses do continente, mas principalmente famílias do Arquipélago dos Açores, que chegaram à península a partir de 1752. Durante a ocupação espanhola na vila do Rio Grande (1763-1777), de acordo com Bunse (1981, p. 16), cerca de 60 famílias se refugiaram em São José do Norte, na região denominada Estreito⁴, o que contribuiu para dar visibilidade à península, além de maior assistência da coroa portuguesa ao povo ali residente. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em São José do Norte é provavelmente um dos vestígios mais contundentes da tradição luso-brasileira herdada de famílias açorianas que ocuparam este território em meados do século XVIII.

⁴ Atualmente um distrito situado 37km ao Norte da sede do município, foi o primeiro núcleo de povoamento do município de São José do Norte, estabelecido em 1765 como freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Estreito.

De acordo com documentos conservados na Diocese de Rio Grande e no Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte, a primeira Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do local ocorreu no ano de 1811. Foi idealizada⁵ por trabalhadores do mar, operadores de embarcações denominadas catraias, responsáveis pelo transporte de carga e descarga de navios atracados, pescadores e suas famílias, dentre outros, os quais iniciaram naquele ano um movimento de festividades religiosas em veneração à virgem protetora dos trabalhadores do mar, para pedir a sua proteção e ao mesmo tempo agradecer pelo sustento que as águas propiciavam.

Segundo registros disponíveis em acervos eclesiais e em periódicos de Rio Grande e de São José do Norte, desde aquela época, quando o tempo permitia, a procissão marítima em homenagem à Nossa Senhora dos Navegantes dirigia-se a Rio Grande pelo canal Miguel da Cunha, como ainda ocorre nos dias atuais, chegando a Rio Grande, onde os devotos embarcados recebiam a bênção litúrgica, após o que regressava a São José do Norte. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes segue a ocorrer na cidade, anualmente, todo dia 02 de fevereiro, sendo esta a data de maior participação popular, com diversas demonstrações de fé e religiosidade. Nesta ocasião, é feita referência à importância dos elementos culturais e naturais da península, como dádivas que tornam possíveis a vida no local.

Nosso objetivo principal é enfatizar alguns elementos da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, considerando aspectos históricos encontrados tanto em fontes primárias quanto na memória viva, importante referência que reforça identidades sociais. Neste âmbito, recorreremos precipuamente aos conceitos de Jan Assmann (2006) de “memória cultural” e “memória comunicativa”. O dia da festa, assim como os dias imediatamente anteriores e posteriores a ela, integram a comunidade local em intensos preparativos, que envolvem diversos setores públicos e privados. É neste dia que a cidade recebe mais visitantes os quais expressam de diversas maneiras sua devoção à Virgem Maria.

Com base na observação, feita nas edições realizadas entre 2014 e 2017, podemos afirmar que durante a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, por seus aspectos relacionados com o lugar, tais como as técnicas de trabalho ligadas a atividades primárias, nomeadamente agricultura e pesca, tem-se a experiência de “intimidade” com os elementos naturais, assim como um sentimento de súplica e gratidão pela fecundidade

⁵ Esta narrativa da gênese da festa está descrita no acervo de documentos históricos da Paróquia São José de São José do Norte como atas de Irmandades do século XIX, registros do Livro Tombo da Paróquia São José, em antigos periódicos encontrados na Biblioteca Rio-Grandense e Instituto Histórico e Geográfico de São José do Norte.

do solo e das águas, aspectos que sob nossa análise são passíveis de compreensão por meio da “teoria da dádiva” (MAUSS, 1925).

Durante a festa, nas missas, nas procissões marítima e terrestre, a observação em campo nos permitiu perceber que a devoção e respeito à tradição são partilhados pelas pessoas que participam das homenagens. Alguns a expressam de maneira efervescente, como os penitentes, já outros fazem o sinal da cruz quando a imagem da Virgem Maria passa, ao passo que outros se prostram, ajoelham-se, e outros ainda evocam as bênçãos com as mãos apontadas ao céu, às imagens. Vive-se a procissão como um momento solene, de consolidação de milagres, de pagamento de promessas, de oferecimento de vidas, também como momento para fazer pedidos. Para o devoto de Nossa Senhora dos Navegantes, não importa o momento vivenciado, há sempre algo pelo que se deve agradecer, algo que se possa pedir, ou oferecer.

Nesse contexto, verifica-se algo peculiar em campo, identificado com atenção no decorrer dos anos, na prática de observação da festa: as relações familiares. Antes, durante e após a festa, diferentes gerações repetem as atividades, tais como a tarefa de organização ou as ações devocionais feitas desde seus antepassados na veneração à Virgem Maria, entre tantas outras atividades. São avós, mães, sogras, bisavós, tias... Atores sociais não apenas do sexo feminino, mas também do sexo masculino. E, dentre eles, sobretudo agricultores, comerciantes e trabalhadores do mar. Matriarcas e patriarcas “conduzem” suas famílias, os filhos, netos, genros, sobrinhos, bisnetos, que de pequenos já se acostumam, não apenas a participar da festa, mas a perceber o que ela representa para sua família, para sua cidade, e, com o passar do tempo, acabam assimilando a representação e o significado da devoção para si mesmos. Quando os familiares não se encontram com os parentes no momento da festa, é porque estão ocupados com as intenções de orações, com os pedidos e agradecimentos.

Conforme nossa observação da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte, a forma como essa devoção se manifesta é, a nosso ver, compatível com o conceito de “memória cultural” (ASSMANN, 2006), visto que nela ecoam tradições de longínquos passados, transmitidas por meio dos rituais festivos, ao longo de várias gerações. Essa relação da devoção com a memória cultural pode ser analisada não apenas no dia da festa, mas antes, quando a comunidade prepara a festa, cada um fazendo-o a partir de seu lugar social definido. Os comerciantes abastecem os seus comércios, preparando-se para o melhor dia de vendas do ano. As pousadas e hotéis ficam com ocupação plena nessas datas, tendo que indicar aos clientes desalojados casas de aluguel nas praias vizinhas; as mulheres,

na véspera, fazem pastéis, sanduíches e outros quitutes para levarem nas embarcações que acompanharão a procissão marítima. Compra-se gelo para manter gelada a cerveja. As crianças limpam suas sandálias para ir à festa. As famílias que moram no centro preparam as casas para receber amigos e parentes do interior da península – é o momento de ir à cidade para acompanhar a maior das festas da região. Os homens, na manhã do dia 2 de fevereiro, decoram seus barcos de pesca com a ajuda dos filhos e filhos dos vizinhos. Estas são algumas características que permitem vislumbrar a complexa rede de ações que envolve os preparativos da festa.

Para esta pesquisa, visando a uma visão mais caleidoscópica que desse conta da complexidade do fenômeno, foram associadas metodologias diversas. Aqui reportam-se e interpretam-se alguns dos aspectos observados. O foco teórico que norteou a revisão historiográfica, além da história local, ateu-se em dialogar com linhas teóricas de interpretação de significados de festas religiosas, principalmente festas tradicionais católicas, entendidas na perspectiva do patrimônio e da memória. O artigo apresenta dados da observação participante feita durante as festas de 2014 a 2017, com a elaboração de registros fotográficos das festas hodiernas, testemunhando a sequência de acontecimentos do ritual festivo. Aplicou-se a metodologia da História oral, junto a festeiros e participantes da festa, gerando-se depoimentos, recolhidos durante os festejos e ao longo dos anos em que a pesquisa foi desenvolvida. Paralelamente, localizaram-se e analisaram-se fotografias antigas, de acervos familiares disponibilizadas por depoentes. Recorreu-se ainda ao levantamento de dados junto a fontes primárias, como os Livros Tombo da Paróquia São José e periódicos riograndinos, disponíveis na Biblioteca Rio-Grandense⁶. Com essa articulação, foi possível estabelecer conhecimentos do passado, reflexões sobre o presente e conceber alguns significados desta festa bicentenária do sul do Brasil.

O artigo estrutura-se em duas seções. Primeiro, um breve apanhado teórico e historiográfico sobre festas religiosas católicas, destacadamente no mundo luso-brasileiro, com interesse especial pelo seu surgimento e significados, além de descrição das etapas que compõem a festa, no nosso caso, a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte. Em segundo lugar, procedeu-se à análise dos dados coletados na perspectiva da memória e da transmissão desta tradição em São José do Norte.

⁶ A Bibliotheca Rio-Grandense é uma das mais antigas instituições de cultura do Rio Grande do Sul ainda ativas, fundada em 15 de agosto de 1846, idealizada pelo português João Barbosa Coelho (<http://www.bibliotecariograndense.com.br/>).

A tradição da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes na península do sul do Brasil

Mary Del Priore, em sua obra sobre as festas no Brasil colônia, ao especular sobre a etimologia do termo festa, reporta-se à explicação apresentada por Rafael Bluteau⁷ (apud PRIORE, 2000, p. 18), de que deriva do vocábulo latino *festus*, empregado para designar as celebrações e cultos de deuses.

Reflexões sobre o surgimento das festas religiosas podem partir do estudo da história da humanidade, quando o homem deixou de ser nômade, condição que permitia sua sobrevivência (pois se movimentava para onde a caça e outros recursos naturais estavam), e passou a ser sedentário (assentando-se em um determinado lugar e dominando determinadas culturas, cocção de alimentos, aperfeiçoamento de ferramentas, melhor aproveitamento da caça). Neste momento, passou a ter maior dependência para sobreviver, dentre outros fatores, de condições climáticas favoráveis. Funari (2009) afirma que louvar e agradecer aos deuses pela terra, pelo sustento, pela fartura, ou suplicar para que isso ocorresse, era algo feito nas ocasiões de festas que aconteciam, conforme já dito, de acordo com o calendário agrícola. Segundo o autor, deus será “terrível, se não for satisfeito, gentil, se for cultuado” (FUNARI, 2009, p. 48). Como veremos na descrição da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, os elementos naturais – o mar, a terra e seus frutos – são reverenciados durante as homenagens à Virgem Maria.

Conforme Guarinello (2001), a festa pode possuir diferentes significados para quem participa dela. Ela reforça os laços socioeconômicos, possibilitando interações, consolidação de negócios, cobranças, relações de amizades, amores, inimizades. Sem essa oportunidade sazonal de encontro, de solidariedade, constantemente redefinida através das festas religiosas, a ligação existente entre os que coabitam em um determinado local pode se fragmentar.

As festas religiosas marcam um tempo especial destinado ao ócio, à confraternização, à troca de diálogos, às experiências, à socialização. A festa religiosa insere-se na dinâmica social, nos hábitos culturais e alimentares, nas práticas de sobrevivência (MONTENEGRO, 2012). Está ligada aos saberes e fazeres locais, aos ofícios, às dificuldades pelas quais os participantes passam. É um tempo de ligação com o transcendente, quando é possível agradecer, pedir graças e proteção divina. A festa religiosa é, portanto, ao mesmo

⁷ Rafael Bluteau (1638-1734) foi autor do primeiro dicionário da língua portuguesa: BLUTEAU, Raphael. Vocabulário portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

tempo, elemento invocador e formador de identidades, lugar de memórias coletivas, lugar de vivência social, onde é possível também externar a fé, comungar a devoção.

No decorrer da festa ocorrem as ações de sociabilidade, nas quais os jovens aprendem com os mais velhos a perpetuar uma cultura legada. No caso da festa religiosa, a fé pode ser legada e perpetuada, sendo um atributo cultural de unidade, na perspectiva da “memória cultural” de longa duração (ASSMANN, 2006). Ao seguir dogmas, participar de rituais, que nesse caso pode ser a festa, o ser religioso coloca em prática uma cultura herdada, participando de uma representação cultural que possui caráter de territorialidade e temporalidade. Conforme Guarinello (2001), imprimindo memória e identidade no tempo e espaço social.

A metodologia da observação participante, quando aplicada no decorrer dos anos 2014 a 2017, permitiu identificar a relevância social e solenidade da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes para a comunidade do município de São José do Norte. É uma festa perpassada por crenças, instituições, conflitos, interesses específicos e que, naquilo que tem de efêmero, mobiliza a maior parte da comunidade em determinado período do ano com um intuito comum, organizar-se para homenagear a padroeira dos trabalhadores do mar. Conforme registros documentais, quer do acervo da Diocese de Rio Grande, quer dos periódicos conservados na hemeroteca da Biblioteca Pública de Rio Grande, a movimentação social promovida pela devoção à Nossa Senhora dos Navegantes é uma tradição que envolve ao mesmo tempo São José do Norte e a cidade vizinha de Rio Grande.

Consoante a observação de campo e as falas dos depoentes, os preparativos para a festa iniciam alguns meses antes, com reuniões que envolvem o pároco, comissões, festeiros, representantes da prefeitura municipal, representantes das comunidades, dentre outros. No dia 24 de janeiro começa a novena, nove noites de rezas e celebrações especiais preparando a festa. De acordo com a fala local, as missas da novena são consideradas milagrosas, de modo que a população participa ativamente.

No dia 2 de fevereiro ocorre, às 07h, a primeira missa, celebrada pelo pároco, com a participação de devotos da comunidade (que previamente prepararam e vivenciaram a novena) e alguns visitantes. Desta missa participam principalmente paroquianos idosos. A outra missa, mais solene, com a presença do bispo diocesano, ocorre às 10h30, quando a igreja completa sua capacidade de ocupação de bancos e cadeiras improvisadas, e centenas de pessoas participam da celebração em pé. Esta missa estende-se até às 12h, quando ocorre o almoço no salão paroquial. Logo após o almoço, às 14h, os fiéis se dirigem aos

barcos para a procissão marítima. A imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é então conduzida ao barco, juntamente com as imagens de São José (padroeiro da cidade), de São Pedro (o “apóstolo pescador”) e do Sagrado Coração de Jesus. Cada imagem ocupa uma embarcação distinta, com capacidade para levar centenas de fiéis. Embarcam o pároco, representantes da igreja, a banda da Prefeitura Municipal, em meio a centenas de fiéis que se dividem entre as embarcações que conduzem as imagens dos santos. O acesso destes é condicionado ao uso de coletes salva-vidas e à apresentação das senhas de identificação, fornecidas semanas antes pela secretaria paroquial. Importante enfatizar que não há uma hierarquia excludente, pois qualquer pessoa pode embarcar, desde que apresente o ingresso para uma das quatro grandes embarcações (a da Virgem Maria, de São José, de São Pedro ou do Sagrado Coração de Jesus).

A procissão marítima é acompanhada por dezenas de barcos de pesca artesanal, enfeitados com bandeiras, balões e flores, às vezes com famílias inteiras embarcadas. Ouvem-se buzinas das embarcações. Acompanham também lanchas oficiais da Polícia Federal, Marinha do Brasil, Exército, Bombeiros e outras instituições públicas. A procissão percorre as águas da Lagoa dos Patos em direção ao Oceano Atlântico, até a Ilha da Marinha, fazendo o contorno desta e passando pelo cais do porto antigo de Rio Grande, onde centenas, talvez milhares de pessoas se reúnem para prestar homenagens, jogando flores, cartas, moedas e outras oferendas aos barcos das imagens.

O mapa a seguir (Fig. 02) indica o trajeto da procissão marítima. A procissão percorre a margem do Rio Grande até certo ponto, próximo ao Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio Grande e retorna a São José do Norte, para o desembarque dos fiéis e das imagens. Após o desembarque das imagens e dos fiéis, ocorre a procissão terrestre, com as quatro imagens, percorrendo as ruas do centro histórico da cidade, com paradas para abençoar lugares públicos, empresas e eventualmente a casas de devotos onde há pessoas enfermas. A multidão em procissão regressa então à Matriz São José, quando as imagens são conduzidas para o interior da igreja. Nesta ocasião ocorre o sorteio dos festeiros da próxima festa de Navegantes, com comemoração e homenagens aos atuais e futuros festeiros. E encerrando a solenidade da festa, há a bênção final do pároco e apresentações musicais que se estendem até o anoitecer.

Figura 2: Mapa indicando o trajeto da Procissão Marítima.



Fonte: Google Maps, editado pelos autores.

Os diversos momentos que fazem parte da programação da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, acima descritos resumidamente, são caracterizados por orações, louvores, cânticos, banda musical, pagadores de promessas. No interior da Matriz São José, nas ruas, durante a procissão marítima ou terrestre e em diversos momentos, encontram-se pessoas que expressam sua fé e devoção de diferentes formas: uns pagam promessas, alguns descalços, outros entregam objetos simbólicos como oferendas, os ex-votos, uns choram, outros louvam, por tudo predomina muita emoção.

Naquele mesmo espaço-tempo regido pelos princípios de organização da festa, é possível observar a presença de outras pessoas, que estão ali principalmente para beber e rir, para se encontrar e conversar, ou simplesmente para acompanhar a movimentação deste dia no centro da cidade, para assistir a diferentes manifestações culturais, dançar e se divertir, pois amigos e parentes aproveitam para vir para a festa. Bandas tocam música popular, entre o samba e o pagode; aqui uma roda de capoeira, ali outros atrativos culturais, que evocam o encontro, a celebração. Isso sem aprofundar, aqui, a presença de comerciantes, ambulantes, artesãos e outros que aproveitam a multidão para alavancar suas vendas. Esses diferentes

indivíduos, além de outros não mencionados, com variadas motivações pessoais, formam um corpo social heterogêneo, que contribui para tornar plural a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte⁸.

Foi possível perceber que participam do evento, além do clero, autoridades civis e militares, trabalhadores do mar, pescadores, agricultores, comerciantes, idosos, crianças, jovens e adultos de variadas idades, dentre outros agentes sociais. A segurança, tanto em terra quanto nas águas, é reforçada pela Guarda Municipal, Polícia Militar, Civil e Federal, Marinha do Brasil, Capitania dos Portos, dentre outros. Durante a festa as pessoas ocupam os mais variados espaços, tais como as missas e os barcos da procissão, caminham pelas ruas do centro histórico e adjacências, ocupam as lanchas que dão acesso à cidade, vindas de Rio Grande, espalham-se pela praça principal, consomem nas bancas de alimentação, nos bares e comércio informal, e lotam as casas, principalmente aquelas localizadas no centro, que ficam repletas de amigos e parentes. É um dia de celebração e encontro em São José do Norte.

Desta forma, é possível aferir que esta festa é eminentemente popular, ritualística, penitencial (TINHORÃO, 2001), com exposição pública da fé, vinculada ao território, ao labor do pescador, do trabalhador marítimo, e que envolve vários setores da sociedade (DIAS, 1997) e que interfere no cotidiano local, nas relações vicinais, na organização da logística, do trânsito, da segurança, do comércio. A Festa de Navegantes revela a religiosidade que permeia o local, na economia, no espaço físico, na história, na tradição e na memória. Pode-se afirmar que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte configura um “fato social total”, na acepção de Marcel Mauss (1924)⁹, um momento condensador de memória de mais de dois séculos, sendo assim um patrimônio cultural imaterial de longa duração que perdura até o presente.

A seguir serão abordados aspectos históricos, assim como descrição e análises de etapas da festa de hoje, que contribuem para compreender os significados e modo de

⁸ Há décadas associou-se à celebração de Nossa Senhora dos Navegantes, na mesma data, o culto por centros afro-brasileiros ao Orixá Iemanjá, integrando-se assim ao grande festejo religioso. A festa de Iemanjá, em São José do Norte, ocorre principalmente na Praia do Mar Grosso, distante 07 km do centro histórico do município. O culto a Iemanjá com o conjunto do festejo a Nossa Senhora dos Navegantes é um fenômeno mais complexo, que merece um estudo específico, e está fora do escopo deste texto.

⁹ “[...] exprimem-se, de uma só vez, as mais diversas instituições: religiosas, jurídicas e morais – estas sendo políticas e familiares ao mesmo tempo –; econômicas – estas supondo formas particulares da produção e do consumo, ou melhor, do fornecimento e da distribuição –; sem contar os fenômenos estéticos em que resultam esses fatos e os fenômenos morfológicos que essas instituições manifestam” (MAUSS, 1924, p. 10).

transmissão da memória geracional. No rito estão presentes elementos que se relacionam principalmente com o modo de viver do nortense.

Memória Cultural e devoção popular: elementos para reflexão

O fato de se comemorar a festa há mais de 200 anos impõe a longevidade do evento como um fator a ser levado em conta para sua compreensão, induzindo-nos a reflexões sobre a história e a memória desta festa. Por que se mantém por tanto tempo? O que representa para a comunidade? Como os habitantes estão representados nela? Quais são os processos de construção e transmissão da memória? Em uma perspectiva teórica, é possível pensar na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes como uma expressão da memória viva, referenciada ao presente, sem estagnar o passado, mas sendo cultivada pelos indivíduos nortenses, os quais compõem uma comunidade afetiva (HALBWACHS, 1990). A memória, neste contexto, é capaz de alimentar o sentimento de continuidade (CANDAU, 2009, p. 46), dando sentido individual e coletivo à historicidade. De acordo com Ricoeur (2007, p. 108), é à memória que está vinculado o sentido de orientação na passagem do tempo, do passado para o futuro, seguindo o tempo da mudança, mas também do futuro para o passado, da expectativa à lembrança, através do presente vivo.

São pontos de referência de nossa memória individual que a inserem na coletividade a que pertencemos. A memória é pessoal e através dela nos situamos social e espiritualmente (RICOEUR, 2007). De acordo com Halbwachs (1990), a memória coletiva é formada por várias memórias individuais, significando uma interpretação da realidade, uma análise causal da memória. Para o autor, a memória coletiva pressupõe um acontecimento real vivenciado em comum.

Halbwachs (1990) enfatiza que nada seríamos se não fizéssemos parte de uma comunidade afetiva. De acordo com o autor, a memória individual existe, mas está impressa em quadros diversos, estabelecidos pela coletividade. Assim, as lembranças se formam a partir das molduras sociais, se formam a partir de meu trabalho, minha família, minha comunidade, meu meio social (HALBWACHS, 1976). Portanto, não é o passado que sobrevive, mas a reconstrução social e coletiva que se faz dele. Consideramos que as memórias da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes estão relacionadas às atividades dos devotos, do trabalho, do sustento da família, da casa, das relações sociais, da rotina da vida, enfim, de atividades vivenciadas em coletivo na comunidade. A crença na Virgem Maria e a expressão da fé vivenciada na festa podem estar relacionadas a diversos elementos

vinculados ao mesmo tempo à memória individual e coletiva: dificuldades, sentimento de gratidão e, principalmente, proteção, por se tratar de trabalhadores do mar. O depoimento do octogenário Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em sua residência, em São José do Norte, no dia 30 de janeiro de 2014, é significativo a esse respeito:

Quando eu pescava, enfrentava o oceano, na safra da tainha. Um frio. Eu era festeiro, meu pai também, meu irmão... Aquele tempo se pescava tainha e camarão. Assim que eu me criei. Eu gostava muito. Nós fazíamos três lugares: a Barra, aqui a croa, e na Várzea. Na Várzea pegávamos cascote e bagre; na Barra, nós pescávamos corvina, tubarão e miraguaia; e aqui na croa, tainha e tubarão. Os botes eram todos embandeirados. Eu embandeirava o meu. Ia eu, a mulher e os guris na procissão marítima. O pessoal tinha aquela fé. Era Nossa Senhora dos Navegantes com São Pedro, o pescador (Sr. Natálio Viana, pescador aposentado, entrevistado em 30 de janeiro de 2014).

Quando questionado sobre a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, o depoente faz o exercício de, primeiramente, relacionar as espécies de pescados que eram encontrados em cada região, e, na sequência, discorrer sobre a união familiar que havia no contexto do ofício de pescador e, por fim, sobre a devoção à Nossa Senhora dos Navegantes. Enfatiza-se o catolicismo popular de devoção a santos católicos: a devoção não é apenas na Virgem Maria, mas em “[...] Nossa Senhora dos Navegantes com São Pedro, o pescador”. Pode-se perceber como a memória da festa relaciona-se assim com a identidade pesqueira, que envolve o trabalho rotineiro da pesca, a herança do pai, o sacrifício, expresso no testemunho sobre o sentimento de frio, as diferentes safras, além do sentimento saudoso que se reporta à infância: “(...) assim que eu me criei. Eu gostava muito”. De acordo com Portelli (2016), a memória é mais do que um registro de experiência, do que um arquivo de dados. Ela é uma ação de interpretação e reinterpretação e organização de significados (PORTELLI, 2016, p. 159).

Aleida Assmann (2011) e Jan Assmann (2006, 2008) desenvolvem o conceito de “memória coletiva” de Halbwachs (1976, 1990), desmembrando-o em “memória comunicativa” e “memória cultural”. São dois *modi memorandi*, duas maneiras diferentes de lembrar, relacionando o tempo, a identidade e a memória. A “memória cultural” é uma forma de memória coletiva, assim como a memória comunicativa, que também pode ser chamada de memória geracional. A primeira engendra-se na longa duração, a segunda, no momento do vivido e seu passado próximo. Em ambas ocorre a transmissão de uma identidade cultural, bem como de fazeres, de saberes, de crenças. Em cada lugar, os grupos reúnem-se e elaboram suas memórias por diferentes meios, e esses meios armazenam a “memória

cultural”. Já a “memória comunicativa”, de acordo com J. Assmann (2008), tem durabilidade limitada, restringe-se a um período formado pela interação de três gerações. Constatamos, a partir da observação participante, que a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte está impregnada o tempo todo pela “memória comunicativa”, geracional, que a renova, e que esta, aparentemente, pode perdurar em torno de três gerações, como supõe J. Assmann; ao mesmo tempo, porém, expressa a “memória cultural” daquele coletivo, que carrega registros memoriais remanescentes dos primórdios, de tradições mediterrânicas que atravessaram o Atlântico, de eventos ou sentimentos arraigados em um tempo mais recuado.

Para contemplar o estudo diacrônico da festa, recorreu-se ao acervo documental da Diocese de Rio Grande, assim como da Paróquia São José, em São José do Norte, em que se conservam, entre outras fontes, os Livros Tombo. Finalmente, a hemeroteca da Biblioteca Rio-Grandense acrescentou importantes contribuições para delinear o histórico da festa, com acesso a inúmeros periódicos antigos. A documentação evidencia, quanto à sequência das etapas do festejo, que a programação atual ocorre nos mesmos moldes das festas mais antigas. No *Echo do Sul*¹⁰, em exemplar datado de 07 de fevereiro de 1875, descreve-se o desenrolar da festa: inicia com a missa solene presidida pelo bispo diocesano; atuam diversas bancas de alimentação; há uma sequência protocolar entre a procissão marítima e a procissão terrestre, com a bênção final. Portanto, os atos apontam uma programação similar à atual. A narrativa do periódico oitocentista afirma que, no dia da festa, o nortense sente-se orgulhoso – que o dia da festa é seu dia de aparecer e de exhibir-se para os visitantes rio-grandinos.

A pequena villa, vendo seus desertos e extensos areais calcados por gente da cidade, tomou assim uma presença arrogante, como a do pedreiro quando se encaderna em um fato novo, deixando de mão o seu commercio de cebolas e camarões, entendeu que devia figurar como qualquer cidade nomeada [...]. Na frente da igreja via-se fluctuar aos caprichos das brisas uma profusão de bandeiras e galhardetes multicores, que pareciam dizer incessantemente adeus ao Rio Grande, que de cá de longe lançava uns olhares cheios de inveja para sua vizinha fronteira (ECHO DO SUL, 07 de fevereiro de 1875).

Na citação, o dia de festa de Nossa de Nossa Senhora dos Navegantes é o dia de se fazer inveja em Rio Grande. Os nortenses podem desfilar, podem “figurar”, pois a festa é sua, a Matriz São José é sua, a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes é sua. Alguns depoimentos mencionam o receio de que Rio Grande levasse a imagem da Virgem Maria,

¹⁰ A Biblioteca Rio Grandense abriga um importante acervo de dezenas de títulos de periódicos oriundos de vários municípios do estado do Rio Grande do Sul, dentre eles está o *Echo do Sul*, de Rio Grande, que circulou entre 1859 e 1934.

padroeira dos trabalhadores do mar, por ser uma cidade mais populosa que São José do Norte. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, até hoje, conforme a fala local, é motivo de orgulho para os nortenses. A “profusão de bandeiras” na Matriz São José, referida no jornal de 1875, é uma tradição recorrente na festa, como testemunham os registros fotográficos atuais que mostram a igreja e a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes ornada para a festa (Fig. 03a-b).

Algo recorrente durante a observação participante foi a prática das ofertas à Virgem Maria. Essas ofertas simbolizam o agradecimento do devoto por alguma graça alcançada, expressam gratidão pelas bênçãos recebidas de Nossa Senhora dos Navegantes. Essas ofertas relacionam-se com o modo de vida, com a atividade laboral, e podem ser cartas, velas acesas no dia da festa, flores, penitências. Durante os festejos, podemos observar uma diversidade de objetos ofertados, dispostos na base do altar, durante a missa solene da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Estes objetos são símbolos da tradição, da cultura local, passíveis de análise principalmente pelo contexto em que se encontram (Fig. 04).

Figura 3a-b: À esquerda a fachada da Matriz São José (Fig. 3a) e à direita a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes no barco-andor (Fig. 3b), ambas decoradas para a festa.



Fonte: Acervo dos autores, 2015.

Figura 4: Objetos no altar da missa solene da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, 2015.



Fonte: Acervo dos autores, 2015.

Sobre o tapete vermelho que reveste a base do altar, pode-se ver, à esquerda, um peixe fresco, embalado em plástico, junto a dois objetos em miniatura, um barco e a uma rede de pesca, referências à pesca artesanal. Abaixo da mesa, próximo a um arranjo de flores naturais, lado a lado, uma carteira expedida pelo Ministério do Trabalho e um terço mariano. Mais à direita, uma réstea de cebolas e, no degrau inferior, um cesto de hortifrutigranjeiros com tomates, cebolas, bananas, laranjas. Os objetos, dispostos no altar da Matriz São José, foram depositados ali pelos festeiros no começo da missa solene da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes do ano de 2015.

Os objetos expostos são, ao mesmo tempo, representações, para que a Virgem Maria abençoe as atividades laborais da comunidade, e agradecimento, pelos frutos do trabalho. Os objetos representam a vida, o sustento da comunidade; há assim um clamor para que estes sejam abençoados durante a festa. De acordo com Hansen (2001, p. 738), a “representação significa o uso de signos no lugar de outra coisa: no festejo são roupas, cores, cenas, personagens e alegorias postas no lugar, por exemplo, de princípios abstratos e posições da hierarquia [...]”.

Importante enfatizar a relação existente, na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, entre a prosperidade da cultura pesqueira e agrária e a grandiosidade da festa. De acordo com a fala local, quando são boas as safras das diversas culturas locais, da agricultura e do pescado, a festa é maior, a igreja fica mais enfeitada, há mais barcos, mais

pessoas participando e contribuindo financeiramente para que a festa aconteça. De forma inversa, mas seguindo a mesma lógica, se vão mal os negócios, se as safras vão mal, esta situação mais precária se reflete na festa. Isso justifica, de certa forma, a deposição dos objetos junto ao altar: expressam a esperança em um futuro melhor e ao mesmo tempo agradecem pelo sustento que a terra e as águas lhes dão.

Ainda sobre os objetos ofertados no altar, é possível interpretá-los do ponto de vista da “teoria da dádiva”, conforme conceito estabelecido por Marcel Mauss (1924, p. 25-35). De acordo com o autor, os objetos têm alma, não são apenas matéria, mas contêm parte de quem os doa – quem doa um objeto a alguém dá algo de si no objeto. Em contrapartida, vigora a obrigatoriedade tanto no receber quanto no retribuir, por isso, uma teoria do “dom e contra-dom”. Portanto, é possível pensar que, doando os frutos do seu trabalho, de seu suor, os devotos de Nossa Senhora dos Navegantes de certa forma esperam algo em troca, a retribuição divina, sob a forma de uma boa safra, um emprego – estas benesses são esperadas mediante a oferenda de objetos relacionados ao trabalho. A doação pessoal, de entrega da vida, pode, por sua vez, ser retribuída através da boa saúde, da cura de uma enfermidade, da gestação desejada. Do mesmo modo, outras tantas formas de doação (que podem ser chamadas de “ofertas”) correspondem à espera de outras formas de retribuição para essas dádivas pessoais, “ofertas” que podem tomar lugar ao longo da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes.

A perspectiva da “teoria da dádiva” permite propor uma compreensão do que foi dito anteriormente, quanto à relação entre a grandiosidade da festa e a prosperidade econômica das safras. A boa safra é um dom, uma bênção, uma dádiva recebida – e, como tal, deve ser retribuída. A retribuição vem em troca da participação humana ou financeira na festa. Outra abordagem, que será vista a seguir, sob o ponto de vista da “teoria da dádiva”, é o pagamento de promessas em troca de milagres concedidos pela Virgem Maria.

É possível aferir, portanto, que a relação entre os objetos dispostos ao altar e a tradição luso-brasileira – trazida, mantida e adaptada pelos açorianos e seus descendentes – é evidente, devido à marca do catolicismo e às atividades agrárias desenvolvidas pelas famílias de fâcies cultural de origem açoriana. Talvez condicionados pela condição de isolamento peninsular, preserva-se o modo de vida ligado à subsistência baseada nos frutos das águas e da terra, e celebra-se na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes essas riquezas, esses dons.

De acordo com Jan Assmann (2006), as normas e valores da vida social definem significados e importâncias. Os significados, bem como a hierarquia do que é e o que não é importante, podem ser definidos na vida em comunidade ou em família, na observação do outro ou nos processos de socialização. Desta forma, na perspectiva assmanniana, afirmamos que a vida em comunidade pode dar significado e estrutura para as experiências, ao passo que estas experiências significativas ficam retidas na memória. O autor afirma que, na “memória comunicativa”, ou geracional, o ente mais velho relembra o que lhe foi ensinado por seu avô e transmite esses ensinamentos, enriquecidos pela sua experiência, para seu neto, num âmbito em que essas memórias guardam relação com a vida presente, como “memória vinculativa”, que alimenta a identidade de um indivíduo com sua sociedade presente. A teoria da “memória geracional” nos ajuda a compreender como as tradições são, de certa forma, selecionadas pelas pessoas, como elas são hierarquizadas e consideradas importantes e, portanto, tornam-se merecedoras de serem transmitidas para os seus.

Essa transmissão da “memória comunicativa” ou geracional foi identificada em fotografias da festa de Nossa Senhora dos Navegantes do século XX, obtida através de um grupo de nortenses¹¹ que buscam constituir acervo de fotografias históricas da cidade e seus diversos grupos. A Figura 05 demonstra que existe um processo de “memória cultural” em curso, em que a estrutura simbólica em torno da festa de Nossa Senhora dos Navegantes remete à legitimidade, identidade e coesão social da comunidade de São José do Norte.

¹¹ Trata-se de um grupo fechado situado na rede social Facebook e intitulado “São José do Norte Fotos Antigas”. O grupo existe desde de 23 de setembro de 2013 e tem contribuído para a complementação do acervo disponibilizado pelos depoentes. Não foi possível, na época, encontrar quem disponibilizou a imagem, no entanto entende-se que ela sintetiza a base teórica utilizada neste texto sobre a participação dos devotos na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte.

Figura 5: Devotas com crianças participando da procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, em meados do século XX.



Fonte: “Grupo privado São José do Norte Fotos Antigas”, Facebook.
Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/600656979997041/>, acesso em 23 dez 2019.

Na fotografia, vemos mulheres conduzindo, na procissão terrestre de Nossa Senhora dos Navegantes, quatro crianças, os meninos com trajes formais, camisa, paletó, sapatos, a menina com vestido branco. Atrás deles, o barco-andor com a imagem de Nossa Senhora dos Navegantes e, ao fundo, alguns sobrados do centro histórico de São José do Norte. A informação que queremos destacar, nessa foto, é exatamente o processo de transmissão intergeracional, que ocorre na própria ação da festa. Durante a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte foram identificados diversos exemplos de como as gerações presentes estão transmitindo a tradição da festa para as gerações futuras, para as crianças. Assim, a festa existe no corpo social de São José do Norte, reatualizada anualmente, com intensidade, e carregada de memórias e significados.

De acordo com J. Assmann (2008), a memória comunicativa vive na interação e na comunicação cotidiana, transitando entre membros próximos, familiares, amigos. Pode-se afirmar que este pode ser um momento de pagar uma promessa, onde a vida da criança

representa a oferta: é um inocente que está sendo ofertado, entregue à Virgem Maria, para agradecer por uma graça alcançada, e para demonstrar fidelidade à Virgem. Este contexto de “mostrar” a penitência, a oferta, também pode ser elemento simbólico de continuidade da festa, pois serve de exemplo a outros possíveis devotos que, quando precisarem, podem recorrer à intercessão de Nossa Senhora dos Navegantes.

A festa pode ter um cabedal de atributos relacionados ao lugar, à devoção, à tradição, à memória social local. Os significados da festa variam de acordo com o papel (ou os papéis) que a pessoa assume na sociedade, seja um servidor público ou um vendedor, um devoto, um pescador ou um ambulante, um aposentado, entre outros. Porém, para todos eles, a vida cotidiana muda, e a festa influencia de alguma forma a sua vida, independente do significado que ela tenha, transformando a paisagem, influenciando mudanças, sugerindo continuidades.

A perspectiva de interpretação que propusemos visou a demonstrar a diversidade de motivações, símbolos e significados, assim como a densidade a entrelaçar memória, tradição e identidade, multiplicidade de fatores que movem os nortenses a participarem da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. No contexto de um bem patrimonial, estes são elementos fundamentais para sua continuidade. Para os devotos, a festa significa fortaleza, esperança, prospecção do porvir, transmitindo o legado recebido para as gerações futuras, que poderão perpetuar esta tradição, se tiverem esta oportunidade.

Considerações Finais

Objetivamos neste artigo compreender a Festa de Nossa Senhora dos Navegantes de São José do Norte como um produto, uma herança cultural de antepassados portugueses, que remete a tradições mediterrânicas antigas, identificando seus significados relacionados ao lugar, ao cotidiano local, a atividades dos habitantes, no sentido de estudar como a memória transita nesses espaços. Foram apontados aqui alguns elementos históricos da festa, sobre como ela ocorria no século XIX. Os relatos e a observação participante possibilitaram estabelecer a relação com os conceitos de “memória cultural” e de “memória comunicativa” de J. Assmann (2006).

É possível aferir, após o uso de diferentes metodologias – dentre elas a observação participante, a análise de fontes escritas, a coleta de depoimentos orais, a interpretação de fotografias P&B antigas, e o registro de fotografias de campo (dos festejos atuais) – que a festa é uma tradição de enraizamento no convívio familiar, ao longo de gerações, envolvendo

motivações e impulsos variados, mas sempre com o fervor religioso, seja de agradecimento ou de súplica, demonstrados através de “ofertas” e de pagamento de promessas. As festas religiosas proporcionam um conhecimento complexo das tradições, da memória e da cultura local, com seus enraizamentos no lugar e suas heranças “migradas”, trazidas fundamentalmente, conforme reconhece a memória coletiva, pelo açoriano. É portanto necessário que estes eventos, religiosos ou não (não esquecendo que mesmo os eventos religiosos extrapolam o sagrado na sua performance cotidiana e coletiva, e possuem dimensões profanas, como as atividades comerciais, incluindo aí a venda de cerveja), sejam estudados de maneira a contribuir para a preservação dos bens imateriais. Sem estudos que perscrutem a densidade e camadas das memórias que dão sustentação a bens patrimoniais reconhecidos, sejam eles materiais ou imateriais, como o caso da bicentenária festa nortense, sua preservação perde estofo, se esvai no formalismo da oficialidade, afasta-se das pessoas que tornam (e são) este patrimônio vivo.

As tradições religiosas, com a valorização de seus momentos e elementos, são significativas para a sociedade, pois atribuem sentido a existência humana, individual e coletiva. Elencar e interpretar alguns destes significados, refletir sobre eles, foi nosso escopo. E tais significados nos incitam à atitude de reflexão. Afinal, as manifestações culturais não são apenas contemplativas, pois algo nelas pode nos levar a refletir, sobre temas como sistema de vida, trabalho, tradições, relações humanas, e mesmo saberes técnicos. É profícuo pensar a cultura popular tanto como legado quanto como prospecção de futuro, como continuidade como possibilidade, e entender porque fazemos determinada atividade.

Foram identificados, registrados e analisados alguns elementos simbólicos da festa, os quais remetem a significados atinentes à história do lugar, exemplificando como a memória transita por entre objetos e espaços. A imagem da Virgem Maria, os objetos dispostos ao altar, o ofertório, os anjos da procissão (crianças da comunidade), a igreja, a praça principal, as ruas, o porto, os barcos, as águas, são alguns dos objetos e lugares da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, que ganham outra significação com os festejos, rompendo com o cotidiano, reforçando a identidade e os laços sociais.

O conjunto espacial percorrido pela procissão, e alguns lugares específicos, marcantes em diferentes etapas dos rituais, podem ser entendidos como espaços nostálgicos, na perspectiva aberta por Sayad (2000, p. 12), de lugares abertos para todas as nostalgias, carregados de afetividade. A descoberta desses lugares, de seus significados, dos sentimentos da comunidade com relação à Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, pôde

nos ajudar a recuperar parte da história deste fenômeno social e a dar subsídios para refletirmos sobre como esta festa pode continuar sendo um bem cultural ativo, um exemplo de manifestação da memória viva dos nortenses.

Referências:

ABREU, Raphael Lorenzeto de. **Mapa de Localização de São José do Norte**, Rio Grande do Sul, Brasil. 2006. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_MesoMicroMunicip.svg. Acesso em 07 de setembro de 2017.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

ASSMANN, Jan. Communicative and Cultural Memory. In.: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (org.). **Cultural Memory studies**: an international and interdisciplinary handbook. Berlin: De Gruyter, 2008.

ASSMANN, Jan. Religion and Cultural Memory: ten studies. Califórnia: Stanford University Press, 2006.

BUNSE, Heinrich Adam Wilhelm. **São José do norte: Aspectos linguístico-etnográficos do antigo município**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

CANAU, Joel. Bases antropológicas e expressões mundanas da busca patrimonial: memória, tradição e identidade. **Revista Memória em Rede**. vol. 01, n. 01. P. 43 – 58, 2009. Disponível em: <http://lasmic.unice.fr/PDF/candau-article-10.pdf>. Acesso em 11 out 2013.

DEL PRIORE, Mary Lucy. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

DIAS, Geraldo Coelho. Religiosidade popular e devoção das Gentes do mar em Esposende. **Portugalia**. Nova Série, vol. XVII e XVIII, 1997.

FUNARI, Pedro Paulo. Gregos. In: FUNARI, Pedro Paulo (org.). **As religiões que o mundo esqueceu**: como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses. São Paulo: Contexto, 2009.

GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

HALBWACHS, Maurice. **A memória Coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.

HALBWACHS, Maurice. **Les Cadres Sociaux de la Mémoire**. Paris: Mouton, 1976.

HANSEN, João Adolfo. A “Representação” nas festas coloniais. In: JANCSÓ, István e KANTOR, Íris. (Orgs.) **Festa: Cultura e sociabilidade na América Portuguesa**. São Paulo: Hucitec, 2001.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a Dádiva**: Forma e Razão da troca nas sociedades arcaicas. São Paulo: Cosac Naify, 2013 (texto original: Essai sur le don 1924).

MONTENEGRO, Monica. **¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos?** Re-apropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública en el Noroeste Argentino”. Mini-curso proferido na UFPel/ ICH/ PPGMP, 2012.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de História Oral**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAHLINS, Marshall David. **Ilhas de História**. Rio de Janeiro Zahar, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia**, número especial, p. 7-32, jan. 2000.

TINHORÃO, José Ramos. **Cultura Popular: Temas e questões**. São Paulo: Ed. 34, 2001.

Fontes Primárias

ECHO DO SUL. Rio Grande, 07 de fevereiro de 1875 (periódico).

PRIMEIRO LIVRO TOMBO da Paróquia São José de São José do Norte (1912-1953).

Sites

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?dados=21&uf=43>. Acesso em 15 out 2018.

SÃO JOSÉ DO NORTE FOTOS ANTIGAS. Grupo Fechado. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/600656979997041/>. Acesso em 10 jul 2014.

Depoimentos

Sr. Natálio Viana – entrevista concedida à Alessandra Buriol Farinha em 30 de janeiro de 2014 – São José do Norte (15m58s).